

O PAPEL DA BRUXA NO IMAGINÁRIO INFANTIL

FABIANE DE AMORIM ALMEIDA
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

MARCIA CECILIA VIANNA CANETE
Faculdade Costa Braga

EDDA BOMTEMPO
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

RESUMO

Os contos fazem parte do universo infantil e tem papel importante no desenvolvimento. Este estudo propõe-se a identificar os significados atribuídos pela criança à figura da bruxa e verificar a existência de variações em suas representações mentais quanto à imagem tradicional da bruxa. Foram entrevistadas 14 crianças de uma pré-escola com idade entre três e seis anos, solicitando-lhes que desenhassem uma bruxa e contassem uma história sobre ela. Os dados possibilitaram identificar temas relacionados às características da bruxa, sua relação com os diferentes cantos e o que as crianças pensam a seu respeito. A imagem tradicional dessa personagem predominou nas representações mentais infantis, evidenciando que a magia dos cantos permanece no decorrer dos anos.

Palavras-chave: Bruxa; imaginário infantil; cantos de fada.

ABSTRACT

THE ROLE OF THE WITCH IN CHILDREN'S IMAGINATION

Fairy tales are part of children's world and they have an important role on their growth. This study had as its purpose to identify children's meanings towards witches, and it also tried to verify if their mental representations of the traditional figure of the witch vary or not. Fourteen pre-school children, aged between three and six years old were interviewed, being asked to draw a witch and tell a tale about her. All data provided made it possible to identify contents related to the witch's features, its relation with different tales and what children think about it. The traditional image of this character prevailed among all children's mental representations, meaning that the magic of fairy tales has been maintained within the passing years.

Key words: Witch; children's imagination; fairy tales

.Endereço para correspondência: Rua Rio Grande do Norte, 55, adz. 53. Santos - SP. CEP: 11065-460.
Telefax: (13) 3252-2822. [E-mail: fabiane-almeida@uol.com.br](mailto:fabiane-almeida@uol.com.br)

INTRODUÇÃO

Os contos fazem parte do universo infantil. Alguns atravessaram séculos e continuam a ter um lugar no atual contexto sociocultural, ainda que muitos adultos acreditem que eles perderam o encanto com a popularização da televisão. Segundo Diatkine (1993), a entonação tranquila da voz do adulto que lê um bom conto para uma criança sempre prevalecerá sobre a diversão eletrônica: Entretanto, diz ele, são os próprios adultos que *têm preguiça de ler para os filhos e optam por deixá-los em frente à televisão ou computador.*

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Até mais ou menos o século XVII, os contos de fada, assim como os jogos, eram destinados a adultos das classes mais baixas da população, como lenhadores e camponeses, de forma que as mulheres divertiam-se a ouvi-los enquanto fiavam. Os contos de fada do tipo coletivo e que são passados de urna geração a outra, como nas antigas tradições, são uma espécie de sabedoria popular (Franz, 1985; Aries, 1986).

Os contos enriquecem o imaginário infantil, a partir da relação que se estabelece entre a linguagem do cotidiano e a do texto do conto de fadas. Muitos personagens consagrados através dos tempos, ainda hoje fazem sucesso entre as crianças, mesmo que não estejam presentes no contexto real de suas vidas, como o lobo mau, o bicho papão e o boi da cara preta (Diatkine, 1993).

Estas histórias permanecem por longo tempo na lembrança das crianças, mais do que muitas aventuras apresentadas na televisão, isso porque os personagens dos contos são menos volúveis e sua narrativa é mais rica. Além do mais, ainda que a televisão proporcione um espetáculo de efeitos audiovisuais, este estímulo muitas vezes é superficial, pois as crianças quase não reagem do ponto de vista imaginário e não são obrigadas a pensar, visto que toda a fantasia já é dada pronta. É preciso retomar a figura do narrador, própria dos contos (Diatkine, 1993; Gutfreind, 2004).

Os contos têm importância vital para a vida psíquica das crianças e, apesar da violência do conteúdo de alguns deles, seu potencial terapêutico é, atualmente, indiscutível. O tradicional *"era uma vez"* não inicia os contos por acaso, mas é uma garantia de que o que está sendo narrado ocorreu em um tempo indeterminado do passado, fazendo com que a criança sintam-se segura. Além do mais, o início tradicional de um conto infantil reporta o ouvinte ao início de sua vida psíquica, período em que se estabelecem as primeiras interações entre o bebê e sua mãe, por meio do olhar, dos gestos e do toque. Contar histórias, portanto, significa interagir, ser olhado e tocado, decodificar gestos, permanecendo em sintonia com o outro. Daí porque a televisão e o computador não substituem um bom contador de histórias, pois o que importa não é o conteúdo, mas a forma como é transmitido (Gutfreind, 2004).

Outra característica dos contos infantis é a metáfora, capaz de apresentar os dramas e conflitos principais por meio de símbolos e essa abordagem indireta protege a criança em sua viagem de projeção no enredo e nos personagens, propiciando certa tranquilidade nos processos de identificação (Gutfreind, 2004).

Um aspecto interessante que a maioria dos adultos já deve ter observado, é que as

crianças pequenas não aceitam facilmente mudanças no jeito de contar uma história e a mudança de uma palavra pode causar turbulências. Quando ouvem uma história significativa para elas, pedem que a repitam inúmeras vezes, irritando-se quando o narrador modifica alguma coisa.

Acredita-se que a sua estrutura narrativa, incluindo as palavras, é representativa daquela história, garantindo a solução para o problema apresentado, de forma que qualquer mudança significaria uma ameaça ao ouvinte (Gutfreind, 2004).

CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES:

SIMBOLIZAÇÃO E EXPRESSÃO NOS CONTOS DE FADAS

A fantasia e a imaginação exercem forte influência sobre o pensamento infantil e a capacidade de simbolização atinge o seu ápice na idade pré-escolar, em torno dos quatro anos de idade. A criança torna-se capaz de processar a separação entre o real e o imaginário, evidenciando-se o apogeu da brincadeira de faz-de-conta (Vygotsky, 1994; Bomtempo, 2002).

Considerando a dificuldade que possuem para expressar seus sentimentos verbalmente, devido à limitação do seu vocabulário e da sua capacidade de raciocínio lógico e abstrato, observa-se que elas se beneficiam muito ao utilizar a brincadeira como meio de expressão, incluindo aqui os contos infantis e os desenhos (Oaklander, 1980; Wong, 1999).

Por meio dos contos, as crianças expressam os sentimentos e valores que cada uma delas tem em si e os elabora. Eles também possibilitam ao adulto compreender melhor o que sentem e como pensam as crianças (Oaklander, 1980).

Os contos infantis mostram, de maneira bem concisa, como é que processamos conflitos da infância e da adolescência, os grandes problemas da existência e como a sabedoria popular resolve esses conflitos, de maneira muito próxima daquela que as grandes religiões do mundo propõem. Ao livrar-se da dureza da realidade, a criança pode imaginar e imaginando, ela pode brincar com temas próprios de sua realidade psíquica como amor, morte, medo, abandono... (Bonaventure, 1992; Gutfreind, 2003).

Por sua riqueza simbólica, os contos permitem grande amplitude de significações, ao vivificar os conteúdos de camadas psíquicas arquetípicas e dar alento às questões existenciais de cada um (Halpern-Chalom e Freitas, 2004).

Bonaventure (1992, p.19-20) compara os contos a obras de arte, como se fossem um quadro que a pessoa descobre, olha, contempla e que, pouco a pouco, vai se impondo e enfeitando. Segundo ele, ambos são uma variação sobre o mesmo tema: *"o ser humano se buscando e refletindo o sentido de sua vida"*.

Para Bettelheim (1980), o conto de fadas possibilita à criança aprender a linguagem das imagens, a única que permite a compreensão do que a cerca antes de alcançar a maturidade intelectual. Para isso, ela precisa ser exposta a essa linguagem e aprender a prestar atenção a ela. A mensagem que esses contos transmitem à criança é a de que a luta contra

dificuldades é inevitável e faz parte da vida. Contudo, se a pessoa não se intimida e se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, poderá enfrentar todos os obstáculos e, ao fim, sairá vitoriosa.

Refletindo sobre a importância do conto para o desenvolvimento da imaginação das crianças, as autoras deste estudo sentiram-se motivadas a estudar o papel dos contos infantis para as crianças de hoje. Ainda que os personagens dos contos sejam entidades menos volúveis que os personagens de televisão, será que não sofreram influências desta com o passar dos anos? Como se revelam hoje aos olhos das crianças? Há mudança significativa na forma das crianças referirem-se aos personagens desses contos?

Em busca dessas respostas, decidiu-se desenvolver este estudo a fim de resgatar as percepções das crianças a respeito de um dos personagens presentes nos contos infantis.

Diante da imensa variedade de personagens dos contos infantis, os vilões exercem especial fascínio sobre as crianças. A bruxa, a madrasta, a rainha malvada, o mago, o lobo mau e todas as variações possíveis da representação do mal, conferem uma característica dinâmica à narrativa (Diatkine, 1993).

Considerando que os vilões tendem a gozar de grande prestígio entre as crianças, a bruxa foi o personagem escolhido como tema central dessa investigação.

A BRUXA E SEU SIGNIFICADO NO IMAGINÁRIO INFANTIL

Franz (1985) cita que a bruxa é uma figura arquetípica da grande mãe, representando a deusa mãe negligenciada em seu aspecto destrutivo. Um exemplo clássico seria a deusa egípcia Ísis, denominada como a grande mágica e a grande bruxa: quando irada, é bruxa, e quando benevolente, a mãe redentora que tudo concede. Nessa figura, evidenciam-se os dois aspectos do arquétipo da mãe, pois ela possui um lado luminoso e um sombrio.

Nos contos de fada influenciados principalmente pela civilização cristã, é possível identificar esses dois aspectos do arquétipo da grande mãe. A Virgem Maria, por exemplo, representa apenas o lado luminoso da imagem da mãe e foi destituída de seu lado sombrio, que foi projetado na mulher. A figura da mãe dividiu-se em mãe positiva e em bruxa destrutiva, de forma que o momento em que a figura da virgem torna-se mais importante na história, corresponde à época das perseguições às bruxas (Franz, 1985).

As bruxas revestem-se de uma tradicionalidade tal que se tornam indispensáveis a um bom conto de fadas. Representando encarnações do mal, elas apresentam-se impreterivelmente envolvidas em batalhas intermináveis contra o bem. Os vilões, em suas performances diversificadas, utilizam-se de seus poderes mágicos para realizar maldades, sendo impossível pensar num bom conto de fadas sem sua presença, contrapondo-se à felicidade completa do herói e da mocinha e testando-os a cada momento (Diatkine, 1993).

Assim sendo, as autoras desse estudo propõem-se a investigar um pouco mais

sobre o imaginário infantil por meio dos contos de fadas, buscando resgatar aspectos relacionados à figura da bruxa.

OBJETIVOS:

- Identificar os significados atribuídos à figura da bruxa pelas crianças;
- Verificar a existência de variações nas representações mentais dessas crianças em relação à imagem tradicional da bruxa em nossa cultura.

MÉTODO:

Local:

Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva de abordagem qualitativa realizada em uma escola de educação infantil da rede particular de ensino da cidade de São Paulo cujos alunos são de nível sócio econômico médio.

Sujeitos:

O estudo foi realizado com 14 crianças entre três e seis anos com uma média de idade de cinco anos e dois meses e discreta predominância do sexo feminino 57,1% como mostra a Tabela 1

Tabela 1 - Distribuição das crianças de acordo com a idade e sexo:

Idade	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino		N	%
	n	%	n	%		
3 anos a 3 anos e 11 meses	2	14,3%			2	14,3%
4 anos a 4 anos e 11 meses	3	21,4%	2	14,3%	5	35,7%
5 anos a 5 anos e 11 meses	2	14,3%	3	21,4%	5	35,7%
6 anos a 6 anos e 11 meses	1	7,15%	1	7,15%	2	14,3%
Total	8	57,15%	6	42,85%	14	100%

Procedimento:

As crianças foram selecionadas aleatoriamente, dentre aquelas que se encontravam na escola no dia em que a coleta de dados foi realizada e que possuísem autorização do responsável legal para participar do estudo.

As crianças que aceitaram participar da pesquisa foram entrevistadas individualmente. Inicialmente foram oferecidos uma folha de papel em branco, lápis preto e coloridos, canetas hidrográficas e borracha, solicitando-lhes que desenhassem uma bruxa. Ao término do desenho, pedia-se que elas contassem uma história a respeito da bruxa que haviam desenhado.

Os relatos das histórias, bem como as verbalizações manifestadas durante a confecção dos desenhos, foram gravados em fita cassete e transcritos integralmente.

Análise dos dados:

Os dados foram analisados utilizando-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977). As entrevistas transcritas foram submetidas inicialmente a uma primeira leitura para análise global dos dados. Posteriormente, leituras repetidas possibilitaram organizar as informações extraídas das entrevistas e transformá-las em códigos a fim de serem agrupadas, originando as categorias de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do conteúdo das entrevistas possibilitou identificar diferentes temas agrupados em três categorias. Trechos das verbalizações das crianças serão utilizados para ilustrar as categorias, identificando-se cada uma delas por meio de legendas (C1 a C14) a fim de respeitar o seu anonimato.

1. DELINEANDO O PERFIL DA BRUXA

1.1. Definindo sua aparência física

Algumas características físicas foram citadas pelas crianças para delinear o perfil da bruxa, por meio de malformações físicas e aparência sobrenatural ou de animais (grande, feia, velha, brava e sorri com satisfação diante de maldades; tem a mão torta, perna pequena, dente comprido, três cabeças e rosto comprido: parece com um sapo).

"Elas têm a mão assim (tortas). (Porque a mão delas é assim?) Porque sim, porque ela é malvada. Todas as bruxas têm a mão assim" (C5).

"Vou fazer a orelha, o dente. O dente dela é tão comprido que vem até aqui" (C12).

Os aspectos horripilantes descritos acima pelas crianças podem estar associados ao fato de, nos contos de fada, surgirem inumeráveis bruxas, e até a figura arquetípica da Grande Mãe, já citada anteriormente, frequentemente aparece, podendo estar representada, por exemplo, pela figura da avó do demônio (Franz, 1985).

Várias descrições também estavam relacionadas à maneira de se vestir da bruxa. Quanto à cor da sua roupa, além do preto tradicional, as crianças apontaram o verde e o vermelho. A roupa também podia ser bem colorida. Alguns complementos do vestuário também foram identificados, como o uso de chapéu e batom preto:

"Ela era toda preta. Ela tinha batom preto" (C3). Agora o chapéu..." (C12).

A respeito da cor preta, como característica tanto da roupa quanto da própria figura da bruxa, parece se relacionar à crença de que ela tem poderes mágicos. Franz cita a lenda da Madonna Preta de Einsiedeln, um antigo mosteiro de Zurique que foi queimado. Acreditava-se que a estátua da Madonna ficou preta a partir de então, mas na verdade, parece não se tratar disso. Ela é preta, porque essa cor torna-a mais potente, mágica e efetiva do que se fosse apenas uma mulher branca (Franz, 1985).

1.2. Como ela se comporta

A maioria das crianças (12; 85,%) referiu que as bruxas fazem maldades como: transformar pessoas em animais e fadinhas em estátuas, fazer sopas com pessoas e passarinhos, perseguir e machucar crianças, destruir alimentos e objetos, matar animais e tirar as coisas dos seus lugares.

"Ela faz sopa pra cozinhar gente. Ela tenta pegar pessoas. Ela tem que ir atrás, correndo. Se a pessoa tiver de avião, ela vai com a vassoura dela que voa. Ela pega também passarinho para pôr na sopa" (C8).

"Aí eu vi ela e ela me assustou. (O que ela fez para te assustar?) Ela queria dar injeção na minha cara e eu não queria, queria que ela costurasse a minha blusa" (C7).

Segundo Bettelheim (1980), os contos de fada permitem à criança uma elaboração de seus conteúdos emocionais em vários níveis e ela aprende que lidar com os símbolos é mais seguro do que lidar com as coisas reais. Para ele, a bruxa é a personificação dos aspectos destrutivos da oralidade.

Analisando o conto de "João e Maria", a bruxa está tão propensa a comer as crianças, como estas estão, a devorar sua casa de biscoito de gengibre. Quando a criança cede aos impulsos do id, simbolizados pela voracidade descontrolada, arrisca-se à destruição. Na história, as crianças comem apenas a representação simbólica da mãe, ou seja, a casa de gengibre, mas a bruxa deseja comer as próprias crianças. As intenções malvadas da bruxa de comer as crianças, finalmente forçam-nas a reconhecerem os perigos da voracidade oral descontrolada e da dependência e, conseqüentemente, da fixação numa oralidade primitiva com suas propensões destrutivas (Bettelheim,1980).

Quando isso acontece, abre-se o caminho para um estágio mais elevado de desenvolvimento. Então, a criança descobre que a mãe boa e dadivosa estava escondida no fundo da mãe malvada e destrutiva, ou seja, ambas eram uma só. Isto sugere que, a medida em que ela transcende a ansiedade oral e se liberta da dependência de uma satisfação ora para a segurança, pode também se libertar da imagem da mãe ameaçadora, isto é, da bruxa (Bettelheim,1980).

Para três crianças (21, 4%), a bruxa só faz maldades e nunca, coisas boas. Duas delas diziam que ela finge ser boa para enganar as crianças.

"(Essa bruxa é boa?) Não. (Nunca faz coisas boas?) Nunca. Ela dava muita risada de ver todo mundo no caldeirão, de bem feito, e com o olho sempre bravo" (C1).

"Ela já tinha todos os tipos de animais, menos um humano, então ela finge ser boa. Aí depois ela falou para o menino entrar no caldeirão e ele pensou que tinha coisas de festa" (C1)

A bruxa, nos contos infantis, faz maldades por puro prazer. Bettelheim (1980) usa o conto "Pássaro Estranho", no qual um feiticeiro rapta a mais velha de três irmãs e a mata como fez com as outras, para exemplificar essa situação. Mas ela também pode fazer maldades para proporcionar o crescimento pessoal do herói, dando-lhe a possibilidade de reflexão e superação como no conto "A

e a Fera" em que uma fada malvada condenou o príncipe a viver sob forma animal até que uma virgem bela consentisse em se casar com ele, redimindo-o do feitiço.

Um outro aspecto a considerar é que um encontro com a bruxa pode trazer algum proveito para os personagens da história, evidenciando o seu lado positivo relacionado ao seu poder e à sua esperteza. Na análise do conto de "João e Maria". Frente ao encontro ameaçador com a bruxa, tanto as crianças como os pais vivem mais felizes daqui por diante: as crianças herdaram as joias da bruxa, possibilitando aos pais condições melhores para criar seus filhos no futuro (Bettelheim, 1980).

Algumas características citadas pelas crianças reforçam o perfil maldoso da bruxa, como ser brava, ter aparência humana transformando-se em bruxa, quando quer fazer maldades, preferir a noite e o escuro, sentir-se contrariada quando a maldade não se concretiza e nunca receber visitas.

"(O que ele fez para ficar vivo de novo?) Ele pegou todos os poderes da bruxa. (E como ele conseguiu pegar os poderes da bruxa?) Porque ele pegou o espírito dela e depois ele pegou os poderes. (E como ele conseguiu?) O espírito dele foi até nela e depois ele pegou os poderes. E depois ele acabou morrendo. (Por que?) Porque a bruxa pegou os poderes dela de novo" (C4).

Geralmente nos contos, personagens femininos como a madrasta e a bruxa são as forças inimigas da história, entretanto o personagem feminino também pode ser salvador. Bettelheim (1980), analisando o conto "João e Maria", destaca a importância de Maria na libertação das crianças, reassegurando-lhes que uma figura feminina pode ser tanto salvadora como destruidora. Este conto dá expressão simbólica às experiências internas diretamente ligadas à mãe. O pai de João e Maria apresenta-se como uma figura apagada e ineficaz na história, tal como a figura paterna para a criança durante o início de sua vida, quando a mãe é a figura mais importante (Bettelheim, 1980).

Estas características atribuídas à bruxa reportam-nos novamente à representação materna proposta por Jung (1984), em que todas as pessoas possuem aspectos positivos e negativos. Para a criança pequena, é mais fácil cindir os aspectos negativos da mãe e depositá-los num personagem externo, no caso, a bruxa. Assim, a figura materna ficará poupada desta faceta maléfica, pois integrar ambos os aspectos ainda é difícil demais para o seu ego em formação. Somente mais tarde é que a criança será capaz de ver que a mãe que frustra também é a que gratifica, e uma coisa convive com a outra.

Frente aos sentimentos ambivalentes da criança, suas frustrações e ansiedades do estágio edípico do desenvolvimento, os desapontamentos prévios e a raiva que sente quando a mãe não consegue gratificar seus desejos e necessidades de forma integral como ela esperava, a relação com sua mãe torna-se conturbada. Deixando de atendê-la de forma inquestionável, a mãe passa a fazer certas exigências, devotando-se cada vez mais aos próprios interesses. A criança, que ainda não era capaz de se conscientizar deste fato, imagina que a mãe, que a nutriu e criou um mundo oral abençoado, só fez isso para enganá-la, como a bruxa da história (Winnicott, 1975; Bettelheim, 1980).

A respeito do fingimento da bruxa relatado por algumas crianças, Bettelheim (1980) comenta, ainda sobre o conto de "João e Maria", que a bruxa inicialmente representa a figura materna plenamente gratificadora, que toma João e Maria pela mão e os leva para dentro de sua casinha. Coloca alimentos diante deles e cobre duas lindas caminhas com lençóis brancos e limpos para eles se deitarem. Eles pensam estar no céu. Só na manhã seguinte, surge um rude despertar destes sonhos de bem-aventurança infantil, pois a velha apenas fingira ser tão amável e na realidade era uma bruxa malvada.

Para duas crianças (14,3i), existem dois tipos de bruxas, as que fazem maldades e as que fazem coisas boas e que são consideradas fadas, dotadas de poderes capazes de destruir as bruxas más. Uma delas ainda afirmou que as bruxas boas pertencem aos tempos atuais, enquanto as bruxas más só existiram no passado:

"A única coisa que eu sei de bruxa além disso, é que esse tempo não é mais das bruxas, é das fadas. As bruxas são de outros tempos, que já passou" (C6).

As crianças também descreveram características da bruxa que são comuns aos seres humanos, sendo algumas delas predominantemente realizadas pelo sexo feminino como cozinhar, desenhar, cuidar de plantas e animais, pintar a unha, costurar; chorar ao se machucar, fazer ginástica entre outras:

"Essa bruxa tá de ponta cabeça fazendo ginástica. (E a outra, que não tá de ponta cabeça?) Tá pensando" (C12).

"Ela Lava no caldeirão fazendo comida. (Que tipo de comida?) Ah, salada, arroz, feijão, macarrão, salsicha" (C2).

'A bruxa tá comendo barata... Aqui (e aponta no desenho que fez), a bruxa tá cozinhando num caldeirão..." (C9).

"(O que ela faz?) Ela planta. (O que ela planta?) Maçã. Só maçã. Essa árvore aí, ela plantou. (E que mais ela faz?) Ela cuida dos animais. (Ela tem muitos animais?) Tem. Onça-pintada, gato, cachorro e elefante" (C6). Outra característica da bruxa, citada por três crianças (21.4%) é a de que ela morre no final da história:

"Ela fazia um monte de coisa que eu não lembro. Ela ia no banheiro, né, aí tinha um monte de estátua, mas não era estátua... era um monte de bruxa que não era malvada. boazinha. Aí todas as bruxas ficou estátua e pegou a bruxa má e jogou ela no rio. As bruxas boas mataram a bruxa má?) É. (E as bruxas boas ficaram aonde depois?) Elas ficaram no canto delas. Elas ficavam desenhando aí, elas eram fadinhas. (Quer dizer que tem dois tipos de bruxas?) É" (C3).

"Depois ela acendeu o forno e, quando ela ia pegar a lenha o menino saiu do caldeirão e pegou aquele negócio de fechar assim e assoprou a lenha e empurrou a bruxa na fogueira. Aí ela morreu e o sol clareou e o castelo desmoronou" (C1).

Os contos permitem à criança finalizar a história de maneira que lhe pareça agradável e segura, reforçando o ditado popular que diz que "não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe".

O final feliz é indispensável a um bom conto de fadas e sua existência evoca processos de reparação, tão importantes para um adequado desenvolvimento emocional. Além do mais, o conto é uma obra aberta e pode ser utilizado pela criança de acordo com a sua

necessidade e o seu potencial terapêutico parece vir de sua dimensão lúdica, pois o conto também é brinquedo (Gutfreind, 2004).

1.3. Onde vive a bruxa

O castelo apareceu como elemento principal do cenário das histórias contadas por quatro crianças (28,6%), ao qual associavam as seguintes particularidades: ser mal assombrado, feio e perigoso, ser bem grande e com vários aposentos (inclusive o porão e a torre) e muito distante:

"Era uma vez um castelo mal assombrado e quando alguém batia na porta que não fosse alguém do mal, caía um machado da porta" (C1).

"(Onde a bruxa mora?) Num castelo bem grandão, assim, desse tamanho (mostrava com as mãos)... até o teto... (Onde fica este castelo?)... Bem, bem longe" (C5).

A forma exagerada usada pela criança para descrever aspectos do cenário pode ser explicada pelo fato de que ela **"não encara os perigos existenciais objetivamente, mas de um modo fantásticamente exagerado, que está de acordo com o seu medo imaturo"** (Bettelheim, 1980, p.202).

Esse autor diz, ainda, que os contos encorajam a criança a explorar, por sua própria conta, as invenções de sua imaginação ansiosa, porque há elementos do conto que lhe transmitem a confiança necessária para que possa controlar, não só os perigos reais de que os pais lhes falam, mas também os exagerados, que ela teme que existam. E assim, as crianças livram-se, pela engenhosidade, das figuras persecutórias da imaginação, como acontece no conto de João e Maria (Bettelheim, 1980).

Diatkine (1993) também cita que as crianças são motivadas pelo aspecto horripilante e trágico dos contos porque nessas histórias, a angústia humana é tratada como um jogo, permitindo a elas aprenderem a controlar seus medos e emoções através dos contos, como uma forma de protegê-las.

Cinco crianças (35,7%) fizeram referência a outros locais não tradicionalmente relacionados às bruxas, que se evidenciaram como cenário da história: uma cabana pequena e suja com telhado de papel, a padaria, o avião, outro país bem distante ou outra época (tempo dos dinossauros, por exemplo).

"(Você já viu alguma bruxa?) Vi. (Aonde?) Na padaria. (O que a bruxa fazia na padaria?) Ela queria um pão e ela estragou. (E o que aconteceu?) O moço brigou com ela" (C7).

"(E onde a bruxa morava?) Numa cabaninha que chamava terra. (E como era essa cabaninha?) Ela tinha uma palha e o telhado dela era todo de papelzinho. (E quando chovia, o que acontecia?) Ela punha um paninho e só chovia no pano. (Era limpa a casa dela?) Suja. (Ela não limpava a casa?) Não" (C4).

Vários objetos faziam parte do cenário das histórias contadas pelas crianças, sendo alguns típicos à figura da bruxa (caldeirão, espelho mágico, vassoura mágica e fogueira). Outros objetos também apareceram no decorrer dos relatos, associados, muitas vezes, a diferentes contos infantis (tesouro, fogão e panelinha, cama, travesseiro e cobertor) ou à

imaginação criativa da criança (pano sobre o telhado de papel para proteger a cabaninha da chuva).

"(A bruxa mora com alguém?) Com o espelho mágico. Mas não devia ter contado onde a Branca de Neve mora, na casa dos Sete Anões. (Porque não devia ter contado?) Porque ela queria matar ela" (C5).

"(Como que ela faz para pegar pessoas?) Ela tem que ir atrás, correndo. Se tiver de avião, aí ela vai com a vassoura dela, que voa. Ela pega também passarinho pra pôr na sopa. e gente" (C8).

Duas crianças (14,3%) descreveram o sol como algo intolerável para a bruxa, fazendo com que seja destruída ou desapareça:

"O castelo não suportava o dia e quando a bruxa morreu clareou e o castelo desmoronou, porque não suportava o dia" (C1).

1.4. Personagens que se relacionam à bruxa nas histórias das crianças

Entre os diferentes personagens encontrados nos discursos das crianças além da bruxa, alguns estavam diretamente relacionados a ela (soldados e amigas da bruxa, morcego e abóbora). Outros personagens pertenciam a diferentes contos de fadas, como a Branca de Neve, o príncipe, o caçador, a rainha e o lobo mau:

"Era uma vez, a bruxa tava no castelo. Aí ela pegou uma menininha e o morcego, ele descobriu que ela pegou. Aí o morcego pegou a menininha. (E o que ele fez com a menininha?) Ele mordeu. (Mordeu a menina? E a menina?) Ela ficou prendida" (C3).

"Aí o caçador com a faca, ele veio cortar ela. O príncipe veio dar um beijo nela e ela acordou. O caçador queria cortar a Branca de Neve e veio a bruxa com duas filhinhas, e aí veio o príncipe acordar ela e ela acordou. (E o que a bruxa fez quando a Branca de Neve acordou?) Ela deu uma maçã para ela, mas o príncipe deu um beijo e ela acordou. (E a bruxa gostou que ela acordou?) Não, ela não gostou. A bruxa era malvada" (C7).

Personagens de outros contos aparecerem com frequência nas histórias das crianças e parecem estar relacionados ao fato de que muitos deles passam de geração em geração. Eles são importantes para o desenvolvimento da criança ao tratarem de temas angustiantes da humanidade, como a origem da vida, a morte, o abandono, a perda dos pais e, de alguma forma, a sexualidade.

Segundo Diatkine (1993), os contos antigos são os preferidos das crianças, como João e Maria, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, A Bela e a Fera, A Cigarra e a Formiga, entre tantas outras.

Heróis de outros contos, em que a bruxa não aparece como personagem, (Hércules, Batman, Robin, Super-Homem e o pirata, por exemplo) apareceram em alguns discursos das crianças. Diatkine (1993) cita que estes heróis da atualidade são personagens muito simplistas e sem personalidade. Além do mais, são mutantes, transformando-se a todo momento, de forma que as crianças não conseguem conservá-los na memória por muito tempo.

Vários animais figuraram nas histórias das crianças (passarinho, macaco, morcego, onça

pintada, gato, cachorro, elefante, dinossauros e dragões) e frequentemente elas também relatavam a presença de um menino ou menina, geralmente do mesmo sexo da criança que narrava a história. Quando havia outras crianças, aquela que tinha uma participação mais ativa na história era do mesmo sexo de quem a contava, por exemplo: o menino que empurrou a bruxa na fogueira (sexo masculino), a menina que corre para o pai ao fugir da bruxa (sexo feminino) e a menina que salva o garoto que seria comido pela bruxa (sexo feminino):

"Ela foi lá e depois pegou uma menininha. (E o que ela fez?) Ficou com bronquite nele (Quem, a bruxa ou a menininha?) A bruxa. (E a menina?) A menina ajudou o menino. (E quem fez, a bruxa ficar com bronquite?) Porque a menina pegou todos os poderes do menino e o menino pegou o espírito dele de volta" (C4, sexo feminino).

2. CORRELACIONANDO DIFERENTES CONTOS DE FADA

Vários trechos dos discursos analisados eram muito parecidos com alguns contos infantis, embora nem sempre fossem identificados claramente pela criança, como por exemplo: o menino que empurra a bruxa na fogueira, lembrando a história de "Joãozinho e Maria"; o lobo mau que vai dormir com a bruxa e a bruxa que come maçã com leite, lembrando "Chapeuzinho Vermelho"; a bruxa que estava chorando porque picou o dedo na madeira, fazendo lembrar uma passagem do conto da "Bela Adormecida".

Outros contos, por outro lado, são claramente citados pela criança, durante sua narrativa como quando o espelho mágico que conta à rainha onde Branca de Neve está escondida ou o príncipe a beija. Ou ainda quando a bruxa dá pernas à sereia e roubou a sua voz, como no conto da "Pequena Sereia", entre outras citações.

"Ela tomou um copo mágico, aí os cabelos dela ficou com uma toquinha. Ai ela enganou a Branca de Neve que a maçã não era venenosa. (E todas as bruxas fazem isso?) Hum hum... Todos (acenando a cabeça positivamente)... Aí ela desmaiou." (CS).

Considerando-se a faixa etária das crianças, principalmente as mais jovens, a maioria dos relatos apresentava-se confuso, misturando trechos de contos infantis que são transformados ou interpõem-se à história criada pela criança.

Winnicott (1975) afirma em sua teoria sobre o brincar, que a criança precisa concentrar-se na atividade lúdica para conseguir ser criativa. Quando isso é possível, é capaz de devanear, ficando livre para criar, sem compromisso com a realidade. Dai porque suas histórias parecem confusas ao adulto que as ouve.

3. O QUE PENSAM AS CRIANÇAS A RESPEITO DAS BRUXAS

As crianças (10; 71,4%) manifestaram sua opinião sobre a bruxa e sua real existência e quanto aos seus sentimentos em relação a ela, afirmando que ela só existe nas lendas, em vídeos, nas histórias e nos sonhos. Algumas disseram nunca ter visto uma bruxa, apenas fadas, mas só em livros. Outras disseram ter medo das bruxas, mesmo acreditando que elas não existam. Urna das crianças falou que viu urna bruxa na padaria e ficou com muito medo e outra contou que as bruxas vão à casa das crianças desobedientes:

"(Você já viu alguma bruxa de verdade?) Não. (Você acha que existe bruxa de verdade?) Não. (E pra que tem estórias de bruxa?) Porque às vezes algumas pessoas sonham. (Você já sonhou com bruxa?) Eu? É claro que não. (Você tem medo de bruxa?) Tenho. (Mesmo sabendo que ela não existe de

verdade?) É" (C8).

Duas crianças (14,3%) não quiseram desenhar a bruxa. Uma delas referiu que não era algo bom de se fazer, preferindo desenhar outra coisa (desenhou uma tartaruga, uma luva e uma privada). A outra insistiu em dizer que não sabia desenhá-la, preferindo fazer um jardim com flores. Uma terceira criança recusou-se a contar a história sobre a bruxa, ainda que tivesse realizado o desenho, tecendo poucos comentários sobre ele e pedindo para ir logo embora.

Acredita-se que a bruxa, por ser um personagem malévolo, possa gerar desmotivação e inibição nas crianças ao se constituir em tema de expressão artística, provavelmente por sentirem medo.

O medo tem uma função importante nos contos, representando uma emoção fundamental para toda a vida do ser humano e constituindo-se em um fator de proteção durante a infância. Aprender a lidar com ele é um desafio para a criança. Entretanto, as possibilidades de representação de situações assustadoras parecem ser um dos atrativos em um conto infantil (Gutfreind, 2004).

A análise dos significados apreendidos a partir dos relatos e dos desenhos das crianças possibilitou às autoras deste estudo perceber que a imagem tradicional da bruxa como um ser com poderes mágicos, malévolo e de aparência feia, predominou nas representações mentais das crianças estudadas. Tornou-se evidente a importância que ainda têm os antigos contos infantis, apesar de tantos personagens novos que povoam o imaginário infantil nos dias de hoje, por meio da televisão e dos jogos eletrônicos.

Bettelheim (1980) cita que, dentro da literatura infantil, nada pode ser tão enriquecedor e satisfatório, tanto para crianças como para adultos, do que os contos de fadas folclóricos. Eles ensinam pouco sobre condições específicas da vida contemporânea, mas, através deles pode-se aprender muito sobre os problemas interiores dos seres humanos.

Segundo este autor, a razão pela qual essas histórias têm tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança em relação a outros tipos de leitura, deve-se ao fato de que começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional (Bettelheim, 1980).

Atualmente existem versões dos contos de fadas em filmes e seriados de TV, mas o significado mais profundo desses contos está amortecido, transformando-os em diversão vazia. As histórias modernas destinadas às crianças pequenas e consideradas "fora de perigo", não abordam os problemas existenciais da humanidade, que são questões cruciais para todos, como "*a morte, o envelhecimento, os limites de nossa existência e o desejo pela vida eterna*" (Bettelheim, 1980, p. 15).

CONCLUSÃO

Para a maioria das crianças a figura da bruxa é associada a maldades e poderes especiais, ainda que algumas relatem existirem também bruxas boas. Entre as diferentes atividades realizadas por ela, as crianças citaram algumas consideradas peculiares a esta personagem, como cozinhar no

caldeirão e voar na vassoura, e outras comuns aos seres humanos em geral. Fazer comida foi uma das atitudes mais citadas pelas crianças, seja utilizando ingredientes estranhos (gente, passarinho...) ou alimentos do nosso cotidiano.

Algumas características da aparência física da bruxa parecem estar diretamente relacionadas com este perfil maldoso (olhar bravo, risada vingativa...) e o castelo é o principal lugar onde ela vive, estando o cenário da história geralmente associada à noite e ao escuro. O sol representa uma força que se contrapõe à bruxa, surgindo somente depois que ela vai embora ou é destruída. Vários objetos também aparecem no cenário, dentre eles alguns tradicionalmente associados à figura da bruxa, corno caldeirões e vassouras.

Dentre os personagens que apareceram nas histórias destacam-se figuras de diversos contos infantis (Branca de Neve, o príncipe, a rainha...). Heróis de histórias da televisão também foram citados (Batman, Robin, Super-Homem...), bem como animais reais e imaginários (dragões e dinossauros). As crianças que aparecem na história são sempre do mesmo sexo do narrador.

Para as crianças, bruxas não existem na realidade, mas apenas em lendas, vídeos e livros de história, mas apesar disso, algumas dizem ter medo dela. Provavelmente, por isso algumas crianças não quiseram contar a história e/ou desenhar a figura da bruxa.

Percebemos, portanto, que a imagem tradicional da bruxa prevaleceu entre as representações mentais das crianças estudadas. Apesar da influência da televisão e do computador, os dados reafirmam a força que tem os personagens dos contos de fada no imaginário infantil e a importância dos detalhes na forma de agir dessa personagem garantindo a estrutura narrativa do conto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ariès, P. (1986). *História social da criança e da família*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara. (Original publicado em 1975).
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bettelheim, B. (1980). *A Psicanálise dos contos de fadas*. (8ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Bomtempo, E. (2002). Brincar, fantasiar, criar e aprender. In: V.B. Oliveira et al., *O brincar da criança do nascimento aos seis anos*. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Bonaventure, J. (1992). *O que conta o conto*. São Paulo: Paulinas.
- Diatkine, R. (1993). Histórias sem fim. *Veja*, 26, 17, 7-9.
- Franz, M.L. (1985). *A Sombra e o mal nos contos de fadas*. São Paulo: Paulinas.
- Gutfreind, C. (2004). Contos e desenvolvimento psíquico. *Viver Mente & Cérebro*, 13, 142, 24-29.
- Halpern-Chalom, M & Freitas, LV. (2003), Mitos, contos e recursos expressivos no

contexto grupal: parâmetros de urna prática. Anais: *III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana*, São Paulo, 259-264.

Jung, C.G. (1984). *Arquétipos e inconsciente coletivo*. Barcelona: Paidós Ibérica.

Oaklander, V. (1980). *Descobrimo crianças: a abordagem gestáltica em crianças e adolescentes*. (7ª ed.). São Paulo: Surnmus.

Vygotsky, L.S. (1994). *A Formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes.

Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de janeiro, Imago.

Wong, D.L. (1999). Comunicação e avaliação da saúde da criança e da família. In: *Wong, D.L. Whaley & Wong — Enfermagem Pediátrica: Elementos essenciais ó intervenção efetiva*. (5ª Ed. pp. 93-116). Rio de janeiro: Guanabara Koogan.

Recebido em 25/10/04 Revisto em 12/05/05 Aceito em 15/05/05